

ANÁLISE DE REDES E SEU USO NO ESTUDO DO TURISMO

Dr. Cleverson Renan da Cunha¹

RESUMO: Com a evolução do estudo do turismo no Brasil surge a necessidade do desenvolvimento e compreensão de metodologias que nos auxiliem a compreensão desse fenômeno em toda a sua complexidade. Dentre outros fatores as relações entre indivíduos, grupos e organizações têm aberto oportunidades para o desenvolvimento de estudos sistemáticos no campo do turismo, como já acontece em outras áreas das Ciências Sociais. Dentre as metodologias disponíveis para a compreensão dos relacionamentos entre atores sociais, a análise de rede tem sido indicada como um recurso útil. O presente trabalho objetiva identificar algumas características e limitações da análise de redes e suas aplicações na pesquisa em turismo, além de abordar seu uso como instrumental integrativo de níveis de análise distintos, procurando assim, fazer uma pequena contribuição para a expansão do nível de análise individual para outros que percebam melhor a problemática ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: turismo; análise de rede; metodologia; pesquisa em turismo

Introdução

As grandes mudanças no cenário internacional nas últimas décadas deram um novo impulso ao estudo do turismo, principalmente por sua capacidade de gerar riquezas. Segundo Smith (1995) ele é a maior força no mundo comercial, além de desempenhar papel importante no desenvolvimento cultural, econômico e social de um povo.

No entanto, comparado com outras áreas das ciências sociais, o turismo ainda é uma disciplina recente e muitas das informações necessárias para seu entendimento não estão disponíveis ou são difíceis de serem coletadas (SMITH, 1995). A imaturidade da área também é destacada por Cooper, Shepherd e Westlake (2001) que destacam que só recentemente o turismo foi visto pelo mundo acadêmico “como uma matéria que tem credibilidade e vale a pena ser considerada pelo seu valor” (COOPER, SHEPHERD; WESTLAKE, 2001, p. 6). Isso é corroborado por Rejowski (1996), para quem o turismo está passando por um processo de “cientificidade”, indicando uma evolução no estudo do tema, uma vez que os estudos estão se tornando mais sistemáticos.

O estudo do turismo tem sido marcado pelo entendimento que questões que envolvem diversos níveis de análise, desde as motivações para viagem (nível individual), passando pelo

¹ Doutor em Administração e Professor do Programa de Mestrado em Turismo e Hotelaria da Universidade Vale do Itajaí - UNIVALI

comportamento de grupos em viagens (nível grupal), pelo inter-relacionamento entre os diversos setores numa organização (intergrupala ou organizacional) como também pelas ligações entre diversas organizações num determinado ambiente (nível supra-organizacional). Apesar das relações entre pessoas, grupos e organizações estarem presentes no estudo do turismo e de suas áreas afins, poucos recursos metodológicos são utilizados para perceber e analisar as ligações existentes entre esses diversos atores sociais.

Dentre as metodologias que se propõem a compreender as relações entre diversos atores sociais, a análise de rede apresenta algumas características que a diferenciam por concentrar-se no entendimento da estrutura social onde estão imersos esses atores. Essa abordagem procura descrever a estrutura social em termos de redes para interpretar o comportamento de atores em suas várias posições dentro da estrutura social (MASDEN, 1990). Ela trata a sociedade como um sistema de participantes - pessoas, grupos e organizações - ligados por uma variedade de relações, examinando a estrutura e características destes relacionamentos, procurando identificar suas causas e conseqüências. Nos termos da análise de rede, os indivíduos e organizações podem ser tratadas como um conjunto de papéis ligados por múltiplas redes que transmitem informação, influência e sentimentos (TICHY, 1984), abrangendo papéis formais, informais ou ambos.

Segundo Beni (2003) o produto turístico resulta do trabalho conjunto de diversas organizações, o que evidencia a importância das metodologias de pesquisa que transcendem a compreensão de um ator social isolado.

Assim, o objetivo do presente trabalho é apresentar algumas características da metodologia de análise de rede e sua utilidade no estudo das relações entre indivíduos e organizações no campo do turismo. Serão apresentadas opiniões de diversos autores e alguns temas que a análise de rede se propõe a estudar, procurando dar uma pequena contribuição ao estudo do turismo, ao oferecer alternativa de estudo para a compreensão de níveis de análise mais amplos e a inter-relação entre estes.

O estudo do turismo

O turismo vem recebendo atenção de diversos campos do conhecimento ao longo dos últimos anos. No Brasil, a criação de novos cursos de graduação e de especialização, aliado ao papel estratégico que esse setor possui na nossa economia tem ajudado nesse processo.

Schlüter (2003) afirma que apesar de existirem diversos estudos sobre o turismo, ainda há

muito para ser conhecido. A autora aponta diversas disciplinas que tem oferecido contribuições para esse conhecimento, com destaque para a Antropologia, Ciências Políticas, Ecologia, Economia, Geografia, Psicologia e Sociologia.

O principal trabalho que analisa as pesquisas no turismo, foi publicado em 1996 por Rejowski e ainda é utilizado com referência para entender a produção acadêmica no Brasil. Segundo ela, o processo de desenvolvimento do turismo está calcado na pesquisa e no ensino. Ela afirma que a produção acadêmica e sua divulgação tende a criar um processo de maturação por meio da sistematização e da cumulação do conhecimento. Nesse contexto, as revistas acadêmicas oferecem contribuição de destaque graças a sua rapidez em veicular os trabalhos e a possibilidade de oferecer ao leitor várias pesquisas ao mesmo tempo.

Rejowski (1996) sintetiza algumas condições que tem influenciado o desenvolvimento das pesquisas em turismo:

- Aumento de periódicos e pesquisas dedicadas ao turismo
- Crescimento do número de escolas e universidades com especializações e graus nas áreas do turismo
- Número considerável de professores na área de turismo
- Inserção do turismo como temas em eventos técnicos-científicos
- Aumento do número e da qualidade dos trabalhos apresentados nos eventos técnicos-científicos
- Surgimento de novos grupos de estudos e profissionais na área
- Aumento da quantidade e qualidade de livros, monografias e periódicos

No intuito de compreender melhor o fenômeno turístico, Mill e Morrison (1992) sugerem que ele pode ser melhor entendido por meio da relação sistêmica entre a compreensão do mercado, da viagem, do destino e do marketing, fazendo surgir um ciclo envolvendo a compra da viagem, o formato da demanda da viagem, a venda da viagem, a abordagem do mercado que irá novamente reverter em novas compras.

Smith (1995) evidencia algumas perspectivas do estudo do turismo que tem sido usada:

- Turismo como uma experiência humana;
- Turismo como um comportamento social;
- Turismo como um recurso

- Turismo como um fenômeno geográfico
- Turismo como um negócio
- Turismo como um indústria ou setor
- Turismo como um debate intelectual
- Necessidade de avaliação da produção

A complexidade do turismo também é evidenciada por Beni (2003) com a defesa da análise estrutural do turismo, na qual, não só os componentes do turismo são considerados, mas também ligações entre os diversos atores. Esse autor identifica seis subsistemas no contexto do turismo: o do mercado, da oferta, de produção, de distribuição, da demanda e do consumo, que são envolvidos pela superestrutura e pela infraestrutura criada, ou existente, que dá suporte a operacionalização do turismo.

Morrinson, Lynch e Johns (2004) afirmam que muito do desenvolvimento do turismo é decorrente da formação de redes e parcerias, com destaque para o papel das redes internacionais de turismo. As relações interorganizacionais merecem, uma vez que no campo do turismo as empresas trabalham de forma integrada envolvendo desde pequenas pousadas à companhias aéreas internacionais. Amorim (1999) desenvolveu uma pesquisa sobre a intensidade do relacionamento interorganizacional no setor turístico em Curitiba, no qual foi possível perceber a existência de diversos atores como órgãos sociais e classistas, formadores de mão-de-obra, locomoção, alojamento e informação e organização de viagens. e percebeu que o fator econômico é o principal motivador dessas interações.

Cada uma dessas abordagens suscita temas diferentes e conseqüentemente, estratégias distintas para a sua compreensão. Nesse sentido, a metodologia de análise de redes pode ser um mecanismos útil para ajudar os pesquisadores da área a captar questões concernentes aos relacionamentos existentes entre os diversos atores de interesse na explicação de um fenômeno.

A análise de Rede

A análise de rede é considerada por diversos autores como uma das mais promissoras correstes da pesquisa sociológica, sendo uma das técnicas sociométricas mais utilizadas, conservando e ampliando algumas das características originais dessa.

Os princípios da sociometria desenvolvido na década de 30 têm sido a base conceitual

para análise de redes. Para Rogers (1974), a análise sociométrica pode ser útil na identificação das características das interações e dos relacionamentos entre indivíduos e entre organizações de algumas formas. Primeiro, a análise sociométrica pode identificar as características ou propriedades de grupos ou de campos interorganizacionais como suas conexões, a escolha mútua de pares, a concentração de organizações no campo, a distribuição horizontal e vertical dos seus membros ou as dimensões do poder e prestígio. Segundo, a análise sociométrica permite uma configuração do caminho que um ator individual utiliza para relacionar-se com os outros atores do campo. Outras propriedades como centralidade, popularidade, *status* ou poder podem ser determinados. Terceiro, a análise sociométrica pode identificar coalizões entre pessoas, grupos, organizações (ou subconjuntos) dentro de contextos maiores. O mais comum objetivo da sociometria é a identificação de fortes ligações ou *clusters* individuais, seguida pela identificação dos canais de conectividade e a interpretação dos mais diferentes tipos de laços, aliadas à técnica do *blockmodels*.

Emirbayer e Goodwin (1994) afirmam que a análise de rede é uma constelação de diversas metodologias estratégicas, não tendo o escopo de uma teoria formal ou unitária que especifica leis próprias, proposições ou correlações e sim uma estratégia para a investigação da estrutura social. Para Burt (1980) é mais uma perspectiva ou um paradigma do que uma teoria social preditiva. Todavia, a análise de rede trabalha com certa base de pressuposições teóricas e premissas que são aceitas, porém, não por todos.

Ela assegura um conjunto de considerações implícitas sobre questões fundamentais na análise sociológica como o relacionamento entre o indivíduo e sociedade, o relacionamento entre o “micro” e o “macro”, e a estruturação da ação social por um objetivo, e as “supra-individuais” características do relacionamento social (EMIRBAYER; GOODWIN, 1994, p.1414).

Para esses autores, o ponto de partida da análise de rede é o que eles chamam de “imperativo categórico”, que rejeita todas as tentativas de explicar o comportamento humano ou

o processo social somente em termos de atributos categóricos dos atores, quer individuais ou coletivos. Nesta opinião, a análise de rede rejeita categoricamente todas as variedades de culturalismos, essencialismos ou o individualismo metodológico.

Na visão de Marsden e Lin (1982), a orientação de redes oferece uma nova abordagem para descrever e estudar a estrutura social e tratar de diversos problemas de integração de níveis de análise. A maneira pela qual as ações individuais criam a estrutura social, e esta, uma vez criada, contrasta com a ação individual e coletiva ou com as atitudes e comportamentos dos atores, é determinada pelo contexto social no qual estas ações tomam parte.

Para Emirbayer e Goodwin, (1994), a perspectiva de rede passou de uma forma meramente metafísica de entender as ligações dos atores de uma rede social, para uma das mais importantes ferramentas para a análise social, pois além de considerar as relações entre indivíduo e seus agrupamentos, ela também é útil para analisar a interação entre organizações.

A análise de rede possui grande potencial de aplicação para o campo das ligações interorganizacionais. É utilizada para aprender mais sobre a natureza do sistema de redes, para analisar as posições de firmas particulares dentro de uma rede e oferecer alternativa operacional para a mensuração de questões na pesquisa interorganizacional (AUSTER, 1994, p. 19).

Burt (1980) apresenta duas formas distintas de analisar a rede: a abordagem relacional e a posicional. A relacional está interessada na descrição da intensidade do relacionamento entre os componentes, focalizando-se nas conexões diretas e indiretas entre os elos da rede. Já a abordagem posicional preocupa-se com as considerações que definem a posição em um sistema de atores (equivalência estrutural das relações). Ambos os modelos propõem descrever as redes de relações, mas eles apresentam tradições intelectuais diferentes. Baseando-se nos aspectos da diferenciação social, a abordagem relacional focaliza-se nos aspectos da diferenciação social e é sustentada pelos conceitos de diferenciação desenvolvidos pela psicologia social. A estrutura de rede é descrita em termos de típicas relações nas quais os indivíduos são envolvidos e a extensão destes atores são conectadas dentro do grupo primário coeso. Já o modelo posicional está construído sobre os conceitos de diferenciação da sociologia e da antropologia. A estrutura da rede é descrita como interligada, diferenciação de prestígio, posição/conjunto de papéis, em termos dos quais os atores dos sistemas são estratificados.

Além das duas abordagens apresentadas, a estudo de redes também pode ser diferenciadas segundo o nível de análise proposto. O trabalho de Burt baseou-se em três estratificações: os atores, atores múltiplos como um subgrupo da rede e atores múltiplos/subgrupos com um sistema estruturado. A combinação das diferentes abordagens com os níveis de análise estão expostas no QUADRO 1.

QUADRO 1
CONCEITOS DA ESTRUTURA DE REDE COM CADA UM DOS SEIS MODELOS DE ANÁLISE DE REDE

		Nível de agregação em unidades de análise	
Abordagem analítica	Ator	Atores múltiplos como um subgrupo da rede	Componentes múltiplos/subgrupo como um sistema estruturado
Relacional	Ego-Rede como extensiva, densa e múltipla	Grupo primário como um “clique” da rede: um conjunto de componentes conectados por relações coesas	Estrutura do sistema como densa e/ou transitiva
Posicional	Ocupante de uma posição na rede como central e/ou de prestígio	Posição/conjunto de papéis como uma posição na rede: um conjunto de componentes estruturalmente equivalentes	Estrutura do sistema como estratificação de posição/conjunto de papéis

Fonte – Burt, 1982, p. 30.

Como é possível perceber neste quadro, a análise de rede não é inerente a nenhum nível de análise, podendo ser usado nos mais diversos níveis, além de ser entendido como uma estratégia promissora para análise entre eles (MASDEN, 1990). Todavia, tem sido desenvolvido um maior número de trabalhos com pequenos sistemas de atores. Esses podem ser pessoas, grupos informais ou grupos formais. Segundo Burt (1980, p. 81) os desenhos das pesquisas comumente estão interessados em obter todos os tipos de relações sobre os atores em foco.

Muitos analistas adotam a abordagem relacional ou “coesão social”, por focalizar direta ou indiretamente as conexões entre os atores. “Esta abordagem explica certos comportamentos ou processos por meio da conectividade social por si mesma - tão bem como por meio da densidade, poder, simetria, distância e pelos laços de ligação. Nesta perspectiva, muito forte, denso e redes

sociais relativamente isoladas facilitam o desenvolvimento de subculturas uniformes e fortes identidades coletivas” (EMIRBAYER;GOODWIN, 1994, p.1419)

A análise relacional, todavia, também demonstra a vulnerabilidade dos laços, indiretamente conectando indivíduos ou ligando os “vazios estruturais” entre grupos sociais isolados que podem ser cruciais para vários processos importantes.

Outros analistas de redes aplicam uma abordagem diferente para conceitualizar a estrutura social: a estratégia posicional. Ela descreve a natureza das ligações entre os atores. Para Emirbayer e Goodwin (1994), esta estratégia faz sentido em certos comportamentos e processos em termos das características dos relacionamentos dos atores como uma posição relativa aos outros atores do sistema social. “A análise posicional enfatiza a importância da “equivalência estrutural” para entender o comportamento coletivo e individual” (EMIRBAYER;GOODWIN, 1994, p. 1422).

A questão relevante para este ponto de vista é a posição ou o “papel” específico que o conjunto de atores ocupa no sistema como um todo. Para fazer esta análise é comumente usado a técnica de “*blockmodels*” que será descrita a seguir.

Técnicas de amostragem e estratificação vêm sendo desenvolvidas para possibilitar melhor embasamento aos estudos com maior número de atores. A análise de rede permite uma série de conjugações, atendendo a diversos interesses de pesquisa. Na elaboração da metodologia adotada é comumente levado em conta critérios para a escolha das organizações ou atores participantes; o tamanho das organizações envolvidas e a seleção do limite de pesquisa. (ROGERS, 1974). Sendo assim, qualquer população pode ser definida para a análise de rede, variando da abordagem nominalista, onde os próprios pesquisadores definem a rede até a abordagem realista, que é socialmente construída pelos envolvidos. (Auster, 1994)

Os limites da rede podem ser definidos

Dentre os os quatro tipos de delineamento de pesquisa apresentado por Selltitz, Rightsman e Cook (1987) - experimentos, quase-experimentos, pesquisa de levantamento e observação participante - o mais utilizado nos estudos que fazem uso da análise de rede são as pesquisas de levantamento, com a adoção de questionários e entrevistas, avaliações indiretas e uso de arquivos, experimento e de observação. (MASDEN, 1990; ROSENTAL et al., 1985)

Burt e Minor (1983) destacam que uma das mais importantes inovações na aplicação da análise de rede tem sido o desenvolvimento de estratégias para a obtenção de dados na rede com

levantamentos em grandes massas de dados. A incompatibilidade do levantamento de massa com as estratégias de coleta de dados das redes usuais tem sido uma grande barreira no desenvolvimento desta análise. Este tipo de trabalho pode ser percebido nas pesquisas de McCallister e Fisher (1983). Existem alguns outros tipos de amostragem, como os utilizados por Burt (1980). Para ele, “sistemas com fronteiras claras são colocados de um lado (estudantes em uma sala de aula). Os sistemas remanescentes são definidos empiricamente pela combinação posicional e amostragem ‘bola de neve’ . Um conjunto central de atores é localizado pelas suas posições notórias no sistema estudado. Cada ator nesta amostra posicional é então questionado a indicar outros atores que são significantes no sistema” (BURT, 1980, p. 81).

Outra forma é adotada por Goodman (1961), que combina uma amostra aleatória inicial de atores com a amostragem “bola de neve” para estimar o número de pessoas que serão nomeadas na amostragem. Primeiramente é escolhido um grupo de atores e depois cada um deste relaciona uma série de outros atores e estes por sua vez, podem apresentar outros atores com os quais estes mantêm relacionamentos. Isto pode ser expandido até o limite adequado conforme o julgamento do pesquisador.

Existem diversos tópicos e características que podem ser estudadas no nível interorganizacional com a análise de rede, como por exemplo:

- Tamanho da rede - é o número de vínculos diretos envolvendo unidades individuais. É usado para medir integração, polaridade ou extensão (MASDEN, 1990).
- Densidade da rede - é a força das conexões entre unidades de uma rede ou a proporção de ligações presentes relativas a estas possibilidades (MASDEN, 1990). Um relacionamento é considerado denso quando um grande número dos integrantes da rede conhecem um ao outro (EVAN, 1978). Este conceito é operacionalizado pelo número de ligações atualmente observado, dividido pelo número teoricamente possível.
- Centralidade - foca na posição relativa das unidades dentro da rede. Mede o reflexo da centralização de cada unidade sobre o conjunto (MASDEN, 1990). A centralidade analisa e identifica os nós mais centrais na rede.
- Força dos vínculos - a frequência relativa, duração e intensidade

emocional.(EMIRBAYER; GOODWIN, 1994)

- Extensão da rede - é a extensão pela qual uma unidade da rede liga-se para diversificar outra unidade. Pode ser medida pelo tamanho da rede ou inversamente pela densidade da rede (BURT, 1983b). As redes menos densas têm extensão mais alta.
- Estrutura social - são as características permanentes dos laços sobre os atores. Pode ser a rede (micro estrutura) ou uma “rede de redes” (macro estrutura). (EMIRBAYER; GOODWIN, 1994).
- Limite de alcance - é o grau em que o comportamento do ator é influenciado pelo seu relacionamento com outros ou a extensão na qual ele pode usar relacionamentos para contatar pessoas ou organizações que são importantes para seus contatos nestes relacionamentos. (MITCHELL, 1978)
- Ancoragem - refere-se ao ponto de orientação da rede social. É tido usualmente, pegando algum ator específico, observando e interpretando seu comportamento.
- Posição - é o conjunto de atores ou nós equivalentes estruturalmente. (EMIRBAYER; GOODWIN, 1994).

No entendimento de algumas destas variáveis é usual a representação e análise gráfica dos relacionamentos, utilizando-se conceitos da álgebra e da sociometria (ALDRICH, 1979). Estes dados podem ser conseguidos por fórmulas que utilizam-se das informações das matrizes e dos gráficos. A forma típica para representação dos dados na análise de redes são os gráficos e as matrizes (ALDRICH; WHETTEN, 1984). Uma rede interorganizacional pode ser representada em forma de gráfico, com setas conectando os pontos na população de organizações que têm um relacionamento e com a direção da relação indicada com a ponta da seta. A FIG. 1 apresenta um modelo gráfico dos relacionamentos entre dez organizações.

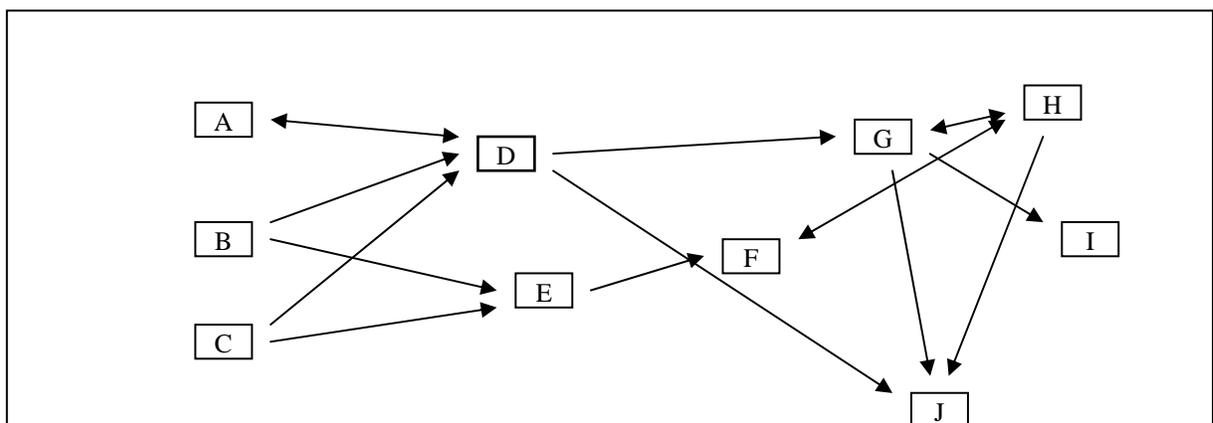


FIGURA 1: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS RELACIONAMENTOS

As relações interorganizacionais também podem ser representadas na forma de matriz, onde as células têm número um, se a organização da linha possui relação com a organização da coluna, ou zero se não houver relacionamento. Além da expressão binária, uma forma mais sofisticada e complexa pode ser utilizada com o uso de uma escala de 0,0 (relacionamento nulo) a 1,0 (relacionamento máximo) ou com os valores observados de acordo com uma outra escala, como por exemplo o número de relacionamentos mensais, variando de zero a infinito. O QUANDO 2 ilustra uma matriz binária da figura 02.

QUADRO 2

MATRIZ DA PRESENÇA DE RELACIONAMENTO EM DEZ ORGANIZAÇÕES

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
A	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
B	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0
C	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0
D	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1
E	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
F	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
G	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1
H	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1
I	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
J	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

A matriz é útil para descobrir relacionamentos e formações de subconjuntos e para a identificação de contatos recíprocos. Por esta análise, o número de relações e os caminhos destas, são revelados. É também útil no cálculo da coesão e da centralidade e para revelar a atração e expulsão das organizações, além do número de ligações diretas e indiretas.

Rosenthal et al. (1985) resume assim a utilidade da matriz: (1) ela mapeia a interconecção

entre organizações, (2) mede a intensidade e a direção das suas interconecções, (3) ilumina a descoberta de clusters e (4) identifica grupos centrais. Este método possui enorme potencial como estratégia para o entendimento das relações interorganizacionais ou movimentos, iluminando a textura e a forma dos clusters dos movimentos sociais, criando novas sínteses históricas e definindo a abrangência social das organizações e dos movimentos.

A modelagem por blocos esta construída sobre o conceito de blocos - conjunto de pessoas estruturalmente equivalentes em relação a outro conjunto através de diversos tipos de relações (WHITE; BOORMAN; BREIGER, 1981). Após a identificação de todos os relacionamentos na sua respectiva matriz, estes dados são analisados e reagrupados segundo suas semelhanças em blocos. A modelagem de blocos para uma população é o conjunto das imagens obtidas dos tipos diferentes de laços separados (BOORMAN; WHITE, 1981). White, Boorman e Breiger partiram do princípio de que as semelhanças nas estruturas das redes individuais são mais importantes do que as ligações reais entre as pessoas no estudo da estrutura social. Assim, quando se procuram agrupamentos coerentes de pessoas, o analista, nesta abordagem, procura identificar grupos de pessoas que são estruturalmente equivalentes (NELSON, 1984).

Nelson (1984) acredita que a análise de blockmodels permite a comparação entre redes múltiplas, ou seja, diferentes tipos de contatos entre os mesmos indivíduos, podem ser examinados e comparados ao mesmo tempo, possibilitando assim, a comparação de estruturas formais e informais da organização de uma maneira precisa e quantificável.

Independente da técnica utilizada, a análise de rede pode ser adotada para o entendimento de várias partes da complexidade organizacional. Tichy (1984), aborda a questão da análise de rede em três sistemas presentes nos diversos níveis de análise : sistema técnico, político e cultural, que está resumida no QUADRO 3.

QUADRO 3

TÓPICOS DA ANÁLISE DE REDE

Foco de atenção	Sistema técnico	Sistema político	Sistema Cultural
Redes organizacionais	Como as organizações adquirem informações?	Quais são as formas de cooperação, cooptação e competição entre as organizações? Como fazer o conflito interorganizational construtivo?	Como os valores da sociedade e da tradição afetam a cultura organizacional? Quais normas das organizações os novos membros afetam?

Organizações	Como a estruturara das organizações relatam sua missão, estratégia e ambiente? Como a hierarquia influencia? Como a incerteza é absorvida?	Quais são as coalizões dominantes? Como a hierarquia controla seus recursos? Quais alianças ocorrem?	Como os membros são introduzidos? São valores homogêneos? Quais subculturas ocorrem?
<i>Clusters</i>	Como ocorre a comunicação dentro do grupo?	Qual autonomia o grupo de trabalho possui? Onde os conflitos ocorrem dentro das alianças?	Que normas e crenças subsidiam as tarefas e a tecnologia?
Conjunto de papéis	Quais são as “estrelas” na comunicação?	Quem são os detentores de poder? Quem resolve os conflitos?	Quais conflitos ocorrem entre as expectativas e os valores dos papéis?

Fonte: Tichy, 1984, p. 236.

Esta classificação e exemplificação são úteis por permitir o detalhamento da análise de rede em diversos tópicos que podem ser melhor percebidos pelo pesquisador em suas análises. O sistema técnico está relacionado com a execução das tarefas e as formas da sua realização. Ele expressa a forma com que a organização utiliza seus equipamentos e serviços no intuito de atingir seus objetivos. O sistema político percebe as relações de poder e o comportamento envolvendo questões relacionadas com conflito e interesses. Já o sistema cultural entende a organização como um sistema de normas, valores, símbolos e crenças que estão presentes na organização e no ambiente.

Para Marques (1999, p. 46),

a análise de redes nos permite identificar detalhadamente os padrões de relacionamento entre atores em uma determinada situação social, assim como as suas mudanças no tempo. A força da análise de redes sociais está na possibilidade de se construir estudos muito precisos em termos descritivos sem impor uma estrutura a priori à realidade e aos atores, criando um tipo muito particular de individualismo relacional.

Segundo esse autor, a análise de rede permite a realização de investigações diretas sobre os padrões de relação entre indivíduos e grupos.

Considerações finais

A medida que se desenvolve o estudo do turismo no Brasil, aumenta-se a necessidade de utilização de metodologias mais específicas que consigam oferecer informações sobre os atores em análise. Dentre estas abordagens, a análise de rede tem demonstrado ser um forte conjunto de instrumentos para o entendimento das diversas formas de relações entre indivíduos, grupos e organizações.

Tem sido grande o desenvolvimento desta perspectiva, principalmente após a criação de algumas organizações de divulgação nos Estados Unidos e Europa como por exemplo o *International Network for Social Network Analysis (INSNA)*, com sua revista “*Connections*”, e o jornal “*Social Network*”.

A evolução da informática ao longo das duas últimas décadas está permitindo análises mais complexas que já podem ser realizadas com o uso dos novos recursos computacionais, amenizando assim o maior problema encontrado pelos pesquisadores, que é a limitação da realização de análises com grande número de envolvidos pela dificuldade dos cálculos e de suas análises. Aliado a este fato, novas formas de amostragem que foram criadas na década de oitenta estão chegando à maturidade após diversas reaplicações, permitindo assim, maior confiabilidade às análises.

Diversas pesquisas no turismo têm sido realizadas com o uso dessa metodologia. Pforr (2002) fez um estudo sobre as relações dos atores envolvidos na definição da política de turismo da Austrália. Blumberg (2004) evidenciou a importância e o potencial da análise de redes, principalmente para a compreensão das interdependências dos stakeholders do turismo. Pavlovich (2003) explorou as conexões relacionais dos fornecedores do turismo e a transferência de informações.

No entanto, no Brasil a metodologia de análise de redes ainda é incipiente. Um dos poucos estudos encontrados trata-se do trabalho de Amorim (1999) que identificou a intensidade do relacionamento interorganizacional no setor turístico de Curitiba, Paraná. Outros estudos com essa metodologia poderiam ajudar seu aprimoramento, como também evidenciar aspectos diferentes para a compreensão do turismo no Brasil, uma vez que a análise de rede possibilita interpretações diferentes das oferecidas pelas metodologias tradicionais, que considera o ator social isolado, ao invés dos relacionamentos existente num setor.

Apesar de oferecer contribuições importantes, a análise de rede possui algumas

limitações. Primeiro, as respostas são sempre dadas em função do pensamento do pesquisado ou no filtro do pesquisador no caso da utilização de fontes secundárias. Segundo, as técnicas matemáticas utilizadas reduzem a complexidade do fenômeno social e conseqüentemente, limita sua análise. Terceiro, cria afastamento do objeto de pesquisa. Quarto, com o uso de escalas na construção do questionário de identificação das ligações é possível erros de interpretação dessas escalas pelo pesquisado e por fim, a falta de métodos próprios de amostragem para grandes massas de dados, limita sua aplicação a pequenos grupos.

Referências Bibliográficas

ALDRICH, Howard. Organizations & environments. Englewood Cliffs : Prentice-Hall, 1979.

ALDRICH, Howard e WHETTEN, David A. Organization-sets, action-sets, and networks: making the most of simplicity. In Handbook of organizational design. New York: Oxford University Press, 1984.

AMORIN, Clézio Gontijo. Intensidade do relacionamento interorganizacional no setor turístico de Curitiba, PR. Curitiba, 1999. Dissertação (Mestrado em Administração) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

AUSTER, Ellen R. macro and strategic perspective on interorganizational linkages: a comparative analysis and review with suggestions for reorientation. In: SHRIVASTAVA, Paul; HUFF, Anne, e DUTTON, Jane. Advances in strategic management : interorganizational relations and interorganizational strategies.

BLUMBERG, Katrin. Social Network Analysis and its potential for tourism research. Loch Lomond Pre-Congress Meeting - 13-15 August, 2004.

BENI, M. C. Análise estrutural do turismo. 8. ed. São Paulo: Senac, 2003.

BURT, Ronald S. Toward a Structural Theory of Action: Network Models of social structure, perception, and Action. Academic Press: New York, 1982.

BURT, Ronald S., MINOR, Michael J (coods.). Applied network analysis: a methodological introduction. Beverly Hills : SAGE, 1983.

BURT, Ronald S. Models of network structure. Annual Review Sociological. Vol. 6. 1980, p. 79-141.

COOPER, C.; SHEPHERD, R.; WESTLAKE, J. Educando os educadores em turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade. São Paulo: Roca, 2001.

EMIRBAYER, Mustafa e GOODWIN, Jeff. Network analysis, culture, and the problem of agency. *American Journal of Sociology*. V. 9, N. 6, 1994. p. 1411-54.

EVAN, William (org.). *Inter-organizational relations*. Philadelphia : University of Pennsylvania Press : 1978.

GOODMAN, Leo. Snowball sampling. *Annual Mathematical Statistical*. V. 32, 1961. p. 148-160

MARQUES, Eduardo César. Redes sociais e instituições na construção do Estado e da sua permeabilidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 14, n. 41, 1999.

MARSDEN, Peter V., LIN, Nan. (org.) *Social structure and network analysis*. Beverly Hills : Sage, 1982.

MASDEN, Peter. Network data and measurement. *Annual Rev. of Sociology*. V. 16, N. 16, 1990. p. 435-463.

McCALLISTER e FISHER. A procedure for surveying personal network. In: *Applied network analysis: a methodological introduction*. Beverly Hills : SAGE, 1983.

MILL, R.C.; MORRISON, A. M. *The Tourism System*, 4. ed. Dubuque, Iowa: Kendall/Hunt Publishing Company, 1992.

MITCHELL, J. Clyde. The concept and use of social network. *Interorganizational relations*. Philadelphia : University of Philadelphia Press, 1978.

MORRISON, Alison; LYNCH, Paul; JOHNS, Nick. International tourism networks. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, v. 16, n. 3, 2004.

NELSON, Reed. O uso da análise de redes sociais no estudo das estruturas organizacionais. *Revista de Administração de Empresas*, V. 24, N. 4, 1984. p. 150-157.

PFORR, Christof. The "makers and shapers" of tourism policy in the northern territory of Australia: a policy network analysis of actors and their relational constellations. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, June, 2002.

REJOWSKI, M. *Turismo e pesquisa científica*. 3. ed. Campinas: Papirus, 1996.

ROGERS, David. *Sociometric analysis fo interorganizational relations ; application fo*

theory and measurement. *Rural Sociology*, V. 39, N. 4, 1974.

ROSENTAL, Naomi et alli. Social movements and network analysis: a case study of nineteenth-century women,s reform in New York State. *American Journal of Sociology*. V. 90, N. 5, p. 1022-1054.

SELLTIZ, RIGHTSMAN E COOK. *Metodologia de pesquisa nas relações sociais*. 2ª. Ed. São Paulo : EPU, 1987.

SCHLÜTER, R. G. *Metodologia da pesquisa em turismo e hotelaria*. São Paulo: Aleph, 2003.

SMITH, S. L. J. *Tourism analysis: a hanbook*. 2. ed, Essex: Longman, 1995.

TICHY, Noel M. Networks in organizations. In *Handbook of organizational design*. New York: Oxford University Press,1984.

WHITE, Harrison; BOORMAN, Scott e BREIGER, Ronald. Social structure from multiple networks : I Role Structures. *American Journal of Sociology*. V. 81, N. 4, 1976a. p. 1384-1446,